

Ano 5, vol IX, Número 2, Jul-Dez, 2012, Pág 143-160

QUAIS SÃO OS PRINCIPAIS MEDOS DOS JOVENS BRASILEIROS?

Maria Alice Becker (Universidade Federal do Amazonas)
Antonio Roazzi (Universidade Federal de Pernambuco).

RESUMO: Este estudo, realizado em nove cidades brasileiras (capital e interior), representando diversas regiões do país, investiga jovens entre 14 e 24 anos de idade, com nível socioeconômico baixo. Foram analisadas as respostas de todos os jovens ao instrumento que tinha ao todo 109 questões de múltipla escolha e que foi elaborado para a pesquisa a nível nacional sobre a Juventude Brasileira (Koller et al, 2005). Neste artigo nosso objetivo é divulgar quais são os principais medos relatados por jovens vivendo em distantes estados brasileiros, procurando observar as semelhanças em suas respostas. Em conjunto podemos ver que os jovens apresentam como principais medos a solidão e a violência. O desemprego apareceu como o menor medo sugerindo que a entrada no mundo adulto pode estar significando ficar sozinho frente a um mundo violento que assusta mais que não ter emprego.

Palavras chave: medos; juventude; solidão, violência

WHAT ARE THE MAIN FEARS OF THE BRAZILIANS YOUTHS?

ABSTRACT: This study was carried out in nine Brazilian towns (capital and hinterland), representing various regions of the country, aiming to investigate young low SES people between 14 and 24 years old. We used a 109 multiple choice questionnaire that was elaborated for the national survey on the Brazilian Youth (Koller et al, 2005). In this article we focused what are the main fears reported by young Brazilians living in distant states, observing the similarities in their responses. We found out that the main fears of young people are loneliness and violence. Unemployment was the item listed as causing less afraid suggesting that entering into the adult world can mean to be alone before a violent world that is scarier than having no job.

Key words: fear; youth, loneliness, violence.

O estudo abrangeu nove cidades brasileiras (capital e interior), que representam diversas regiões do país e investigou jovens entre 14 e 24 anos de idade, com nível socioeconômico baixo. Neste artigo retratamos somente os seus medos, analisando respostas ao instrumento aplicado, que em sua totalidade pesquisa assuntos do cotidiano como educação/escola, família, trabalho, sexualidade, lazer, drogas, valores, política, religião, violência, e causas sociais, esportes, espaço urbano, identidade regional e perspectivas futuras. Este é um tema relevante e se justifica pela necessidade de entendermos os problemas atuais dos jovens e perspectivas em seu futuro, dependendo dos contextos onde vivem, como a falta de oportunidades para estudar, falta de mercado de trabalho, baixa produtividade e renda da população. O que se observa na mídia em

alguns países é que os jovens não têm mais tranquilidade quanto ao que esperar em seu futuro, diferente das gerações anteriores onde a entrada no mundo adulto era ansiosamente esperada, e quase sempre a mesma, conseguir um emprego e constituir família logo após o término da escolaridade. Hoje os estudos não têm data para finalizar, devido à exigência de constante renovação para acompanhar as novidades lançadas, o que leva a um prolongamento da juventude e uma falta de pressa para entrar no mundo adulto. Na atualidade, o mundo conectado e constantemente agitado por crises políticas ideológicas econômicas e ambientais, atingem quase todos com diferentes intensidades, e faz o futuro da juventude incerto. As trajetórias se prolongam indeterminadas e descontínuas na passagem de jovem para adulto (Abad, 2003). Buscamos compreender e refletir sobre a possibilidade de que possam ou não mudar esta realidade onde vivem no presente e onde provavelmente construirão seu futuro, tendo como pano de fundo o conhecimento das ações que estão sendo desenvolvidas no país, especificamente para proteção dessa faixa etária. Podemos, conhecendo-os mais profundamente, ajudá-los a se preparar melhor para enfrentar o futuro? Interessa-nos ver se é possível vislumbrar *insight* e capacidade de crítica sobre seu papel, considerando a atuação no meio social, isto é, seu “empoderamento” para tornarem-se protagonistas capazes de construir seu futuro.

De acordo com Abad (2003p25) “...pode-se afirmar que a nova condição juvenil se constrói sobre o pano de fundo da crise das instituições tradicionalmente consagradas à transmissão de uma cultura adulta hegemônica, cujo prestígio tem se debilitado pelo não-cumprimento de suas promessas e pela perda de sua eficácia simbólica como ordenadora da sociedade”.

Quem são os jovens?

A Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) definiu a juventude, pela primeira vez, em 1985, para o Ano Internacional da Juventude e considerou como jovens as pessoas entre 15 e 24 anos, referindo que o sentido do termo juventude variava em diferentes sociedades em todo o mundo e as definições mudavam continuamente como resposta a flutuações das circunstâncias políticas, econômicas e socioculturais. “A juventude foi delimitada na faixa etária de 15 a 24 anos e caracterizada como (...) “o processo de preparação para os indivíduos assumirem o

papel adulto na sociedade, tanto no plano familiar quanto no profissional” (Waiselfisz, 2007,p19).

Conforme o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), fundação pública federal vinculada à Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, os jovens brasileiros com idade entre 15 e 29 anos, em 2008, representavam cerca de 50 milhões de pessoas, o que então correspondia a 26% da população total (<http://www.ibge.gov.br/cidadesat>). Atualmente, o governo federal, está desenvolvendo projetos, ações e programas voltados à juventude. O Programa Nacional de Inclusão de Jovens – Educação, Qualificação e Ação Comunitária (ProJovem), foi criado em 2005 voltado para jovens que estavam fora da escola e do mercado de trabalho e que não tenham ainda concluído o ensino fundamental. Além disso, o governo federal criou em 2005 uma estrutura para políticas de juventude: 1) a Secretaria Nacional de Juventude, para articular as políticas dos diferentes ministérios; e 2) o Conselho Nacional de Juventude (CNJ), órgão de articulação entre o governo e a sociedade civil. A partir de 2007, o governo federal começou a redefinir a Política Nacional de Juventude e em novembro de 2010 foi aprovado o Estatuto da Juventude. São consideradas jovens as pessoas com idade entre quinze e vinte e nove anos, de acordo com o seguinte: I - jovem-adolescente, entre quinze e dezessete anos; II - jovem-jovem, entre dezoito e vinte e quatro anos; III - jovem-adulto, entre vinte e cinco e vinte e nove anos (<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/723100.pdf>).

Quais são os principais medos da juventude?

O medo é uma emoção que todos conhecemos e lembramos sentir desde nossa infância, na adolescência e mesmo enquanto adultos ou quando envelhecemos e fundamentalmente sentimos medo do fim da vida. Temos medos diversos em diferentes fases de nossas vidas: medo do escuro, dos barulhos da noite, medo de animais, de ficar sozinho, de adoecer gravemente, e atualmente de assaltos, de bandidos, de tiroteio, de perder o emprego, ficar velho e morrer. Parece ser algo que nos une: sentir diferentes medos em diferentes épocas da nossa vida. Sentimos medo quando nos percebemos em perigo a partir de nossas experiências pessoais e do que nossa cultura nos ensina a temer, isto é, as aprendizagens culturais. Em estudo realizado por Roazzi e outros, (2001) sobre a representação social do medo, em adultos de ambos os sexos, os sujeitos foram solicitados a pensar sobre vinte palavras e ordená-las em função de estarem mais

ou menos associadas com essa emoção. Entre as palavras evocadas observou-se a violência sexual, assaltante, polícia, seqüestro, acidente de trânsito, menino de rua, desemprego, bem como outras sugerindo as crenças, valores e símbolos, e ainda palavras como dor, doença, sangue e Aids. Segundo os autores, os medos se alteram com a idade, gênero, classe sócio-econômica, nível de desenvolvimento cognitivo e outras variáveis de natureza individual ou social.

Em geral os medos foram estudados em crianças e adolescentes como sendo de caráter evolutivo, isto é, em determinadas idades são comuns determinados medos. Também as fobias e a ansiedade, são muito estudadas, sendo as primeiras consideradas como um medo desproporcional, persistente durante um tempo considerável, e com uma intensidade que debilita e altera o estilo de vida da pessoa (Moreno, 1992).

Sendo um fenômeno psicológico, consideramos importante precisar e definir neste artigo o medo não no sentido referido anteriormente como evolutivo, mas sim como um fenômeno transitório e de curta duração, associado a diferentes acontecimentos. Assim, embora o medo seja concebido como fenômeno de natureza emocional, ele tem um componente cultural em sua estruturação, na medida em que o objeto que provoca medo tem um caráter de transitoriedade, transformando-se no tempo e no espaço, de acordo com mudanças ocorridas em modos de vida e nos sistemas de significação. Vê-se então que não é fácil definir o que vem a ser o medo, sendo isso uma evidência de sua complexidade.

Um dos maiores medos das pessoas atualmente é a violência, que se manifesta contra os jovens e são efetuadas por gangues de adolescentes ou jovens adultos, nas ruas e escolas. Acontece em quase todos os lugares e está diariamente divulgada na mídia. Os jovens se tornam vítimas e ao mesmo tempo os perpetradores de assaltos, mortes ou homicídios. Analisando o medo da *violência* no Amazonas, um dos lugares deste estudo, a notícia divulgada no jornal A Crítica sobre as vítimas da violência, afirma que rapazes entre os 15 e 24 anos que sofrem mortes violentas no Estado - a cada cem mil habitantes - aumentou de 46,3% em 2005 para 58,8% em 2006. São consideradas como mortes violentas aquelas relacionadas a homicídios, suicídios e acidentes de trânsito. Entretanto conforme a notícia divulgada, o comandante da Polícia Militar do Amazonas, mesmo com o crescimento de mortes por violência acima da média, afirma que este número não é motivo para preocupação. "O aumento não pode significar um grande alarde. Em todas as pesquisas que temos em mãos, o Amazonas não aparece com

níveis preocupantes nem na região Norte. Ainda estamos com um nível satisfatório e aceitável" (Filho, 2007). Essa opinião deve estar embasada em pesquisa nacional divulgada, em que Amazonas e Roraima apresentam a taxa de crimes violentos não letais contra a pessoa, abaixo da média ponderada nacional. As taxas de outros Estados podem ser conhecidas nos mapas por região (Peixoto, Lima, Durante, 2004).

As pesquisas oficiais recentemente divulgadas (Waiselfisz, 2011) confirmam a violência do dia a dia, noticiada pelo IBGE em 2010. Foi demonstrado que 47,2% das pessoas de 10 anos ou mais, o que equivale a 29 milhões de brasileiros, não se sentiam seguras na cidade em que moravam; 8,7 milhões de pessoas de 10 anos ou mais – 7,3% – foram vítimas de roubo ou furto nesse ano; e 2,5 milhões de pessoas – 1,6% – sofreram agressão física.

Crianças que cresceram em famílias onde o abuso físico era a forma encontrada para resolver os conflitos, aprendem a ver a violência como uma forma aceitável de comportamento, bem como sua fuga para as ruas. Em um estudo com crianças e adolescentes de rua e a violência, Nogueira e Bellini (2006), colocam que grande parte deles busca a rua, pois em casa encontram a violência doméstica, a pobreza e miséria, e que neste novo ambiente também enfrentam outros tipos de violência que são degradantes, como a prostituição e contaminação de doenças sexuais e uso de drogas. Paes-Machado e Noronha (2002) analisam que as emoções agressivas são controladas de diversas formas e com diferentes códigos que foram aprendidos no caminhar da civilização, mas que em zonas de exclusão social esse processo de controle se encontra paralisado. As emoções agressivas são cultivadas, assim como o uso da força bruta, contrariamente ao que acontece na classe com mais poder aquisitivo, onde o costume é usar contatos pessoais e influência até mesmo força policial, para resolver os conflitos violentos. A compreensão dos fatores que incrementam o risco dos jovens se tornar vítimas ou perpetradores da violência são essenciais para políticas e programas de prevenção da violência começando com as brigas infantis e o *bullying*.

Paes-Machado e Noronha (2002) comentam a influência de jovens que são marginais sobre aqueles outros que estão sem perspectiva profissional. Jovens que devido ao grande sentimento de privação, começam a admirar aqueles que têm êxito nos assaltos, os quais se tornam aos seus olhos super heróis intocáveis e com uma vida mais divertida. A identificação com jovens marginais e entrada na marginalização levando para a iniciação na delinquência, com pequenos roubos para provar a coragem, começa

com o uso de inalantes, que contribuem para um comportamento transgressivo, aumentando o prestígio aos olhos dos outros participantes. A seguir aparece o contato com os líderes com maior experiência em transgressões, bem como com policiais corruptos, que ajudam a conseguir armas de fogo e a ficar sabendo sobre onde são os lugares mais favoráveis para fazer assaltos. Isso pode ser decorrência da falta de melhores perspectivas de conseguir emprego e ao esforço necessário para ter êxito na vida.

Uma das questões mais relevantes nos dias de hoje é a falta de emprego, que pode levar a danos na integridade mental e física do indivíduo, tanto do jovem como do adulto. O estudo realizado em Porto Alegre (Sarriera, Schwarcz e Câmara, 1996 citado por Sarriera, Câmara e Berlim, 2000) com jovens desempregados, concluiu que os jovens apresentaram sinais de depressão, auto-estima e auto-eficácia diminuída, bem como desvalorização da experiência escolar e do trabalho.

Em outro estudo, Sarriera, Câmara e Berlim (2000) relatam sua experiência com jovens de 14 a 17 anos inscritos no programa SINE/Adolescente da Fundação Gaúcha do Trabalho e Assistência Social (FGTAS) com a realização de uma intervenção com um programa de inserção ocupacional para jovens desempregados. O programa teve como objetivo promover o auto-conhecimento e o desenvolvimento do projeto ocupacional do jovem, auxiliando na tomada de decisão; treinar habilidades na procura de emprego, e estimular a reflexão crítica sobre o contexto social, político e econômico do trabalho. Nos resultados os pesquisadores constataram que houve uma diminuição de algumas dificuldades que os jovens percebiam para conseguir emprego, e tiveram aumentada sua consciência sobre outros problemas que antes não se davam conta. Além disso, aumentaram sua autoconfiança e autocontrole e seu nível de informação para conseguir emprego. Entretanto, no final do programa, os jovens aumentaram seu medo de fracasso e seu temor a não saber expressar-se bem, devido à tomada de consciência de suas dificuldades.

Em Manaus de acordo com Moraes (2008), historicamente os donos da borracha e de casas de aviamento se apropriaram da produção da extração da borracha da maioria das pessoas as quais, além de serem controladas pela força, também eram por meio de práticas populistas. Esta última forma de controle social ainda se mantém, pois se tornou um modelo padrão na política local, tanto do poder Executivo como do Legislativo. Também se observa esta prática na herança autoritária utilizada ainda em

algumas fábricas, onde os funcionários mais valorizados são aqueles de fora do Estado. Existe ainda uma preferência aos que não apresentam traços étnicos, principalmente traços indígenas, pois esses são geralmente discriminados por serem considerados indolentes. Em relação à população indígena, historiadores e geógrafos citam que nas décadas de 60 e 70 os indigenistas se dedicaram a interromper o extermínio que vinha sendo feito e a protegê-los da invasão de seus territórios por grandes projetos de desenvolvimento econômico. Entretanto, embora algumas culturas tenham sobrevivido, considera-se que o quase extermínio indígena foi uma verdadeira “catástrofe demográfica que redundou em um imenso prejuízo para as sociedades do presente” (Santos, Nogueira e Nogueira, 2002, p232). Atualmente se considera somente no Amazonas a existência de sessenta e sete povos conhecidos fora os povos que se encontram isolados dentro da floresta, sendo muito grande o número dos jovens indígenas chamados desaldeados, isto é, que estão fora de suas aldeias e vivem nas cidades, muitas vezes tentando esconder sua origem étnica para não serem discriminados.

O futuro da juventude

Leccardi (2005, p.2) destaca que “o futuro é o espaço para a construção de um *projeto de vida* e, ao mesmo tempo, para a definição de si: projetando que *coisa* se fará no futuro, projeta-se também, paralelamente, *quem* será”. Onde então encontrar referenciais seguros, constantes, que norteiem o pensamento e levem os jovens a uma reflexão aprofundada do quem sou eu neste lugar e neste momento e quem eu quero e posso ser no futuro. Reflexões que impliquem uma possibilidade de reavaliação, de mudança, mas também de estabilidade e não só por um momento, mas como um processo de construção de significado do eu pessoal e eu social, sem implicar o pensamento de que tudo tem valor relativo e é para consumo imediato entre os quais estão incluídos os recursos da natureza. Portanto essa juventude deverá ter consciência do lugar que ocupa tanto socialmente como geograficamente, e deverá saber exercer no dizer de Abad (2003, p.17) “uma cidadania ecológica, universal e planetária para a preservação da dignidade da vida em todas suas formas....pois os atores revolucionáriossão os atualmente excluídos, não somente pela sua classe social, mas também pelo seu gênero, geração e etnia”. De acordo com Caccia-Brava e Costa (2004) “um traço constante que caracteriza os grupos e movimentos de jovens é a ingenuidade e a honestidade... própria dos movimentos juvenis a presença, em seu início, de uma

conduta marcadamente ingênua, como expressão de inquietações morais e intelectuais autênticas, ainda não sintetizadas, e a afirmação posterior da honestidade como valor a ser expresso” (p. 111). Os autores ainda afirmam que uma atitude forte na juventude se refere à motivação e intenção, tanto política como cultural. Compreendemos que nesta idade existe o sonho de mudar o mundo, que vem acompanhado da crença na luta por um mundo melhor e mais justo que só pode acontecer por meio da mudança política. Principalmente a juventude irá enfrentar pressões internacionais e interesses econômicos diversos. Lembramos Morin (2005) ao afirmar que “a economia comporta um ética dos negócios, exigência de respeito aos contratos, mas obedece aos imperativos do lucro, o que leva à instrumentalização e à exploração de outros seres humanos”(p.25).

Em entrevista realizada pelo curso de jornalismo da Universidade Federal do Amazonas querendo saber como o jovem pensa o amanhã, entrevistando alguns jovens entre 17 e 19 anos, os entrevistadores tiveram respostas que mostram que os mesmos não cultivam atitudes consistentes ou exemplifiquem seriamente o comprometimento com o futuro. Imaginam um futuro engrandecedor embora passem a maior parte do tempo atrás de festas, baladas, compras e saídas com amigos. Mesmo universitários não se interessam em votar nas eleições, entretanto culpam os políticos pelos problemas sociais embora a minoria pense que votar faz a diferença, mas votam no candidato dos pais. A TV serve para assistir filmes, mas não o jornalismo, mostrando segundo os entrevistadores que alguns dos jovens de Manaus querem mesmo é diversão (Medeiros, Motta e Marques, 2007, p.8).

Em termos de política, foi criado em 2007 o Programa Nacional de Segurança com Cidadania (Pronasci) com projetos e ações que visam diferentes focos: a) população na faixa etária de 15 a 24 anos; b) jovens e adolescentes egressos do sistema prisional ou em situação de moradores de rua, famílias expostas à violência urbana, vítimas da criminalidade e mulheres em situação de violência – foco social; c) RMs e aglomerados urbanos que apresentam altos índices de homicídios e de crimes violentos – foco territorial; e d) combate ao crime organizado – foco repressivo. As ações do Pronasci priorizam os “territórios vulneráveis” identificados por nível de violência numa tentativa de torná-los Territórios da Paz, unindo as ações sociais, de justiça e proteção social, cultura, esportes, recuperação urbana, educação e saúde articuladas ao policiamento comunitário. As comunidades atendidas devem ser envolvidas nas

decisões e nas avaliações do programa. Fazem parte nestas comunidades, principalmente os jovens em situação de risco, especialmente os que estão envolvidos com a violência urbana. As atividades visam à formação por meio de esportes, atividades culturais e educacionais, e no resgate da auto-estima. Os jovens devem frequentar cursos de capacitação sobre direitos humanos, combate à violência e à criminalidade, temática juvenil, bem como atividades de socialização que possibilitem a reinserção nas comunidades em que vivem (IPEA,2009).

Outros programas que existem em alguns estados no país são o Programa Jovem Cidadão; Serviço Civil Voluntário, Capacitação Solidária e Primeiro Emprego. São dirigidos para jovens pobres entre 16 e 24 anos em situação de vulnerabilidade social, isto é, que tem pouca escolaridade, escasso capital cultura, em experiência de trabalho e sem oportunidade de formação profissional (Leite,2003).

Passamos agora a conhecer as respostas dos jovens de diferentes lugares no Brasil sobre quais são seus principais medos.

Método

Locais e Participantes

No Brasil fizeram parte deste estudo ao todo nove locais: Recife, Porto Alegre, São Paulo, Campo Grande, Amazonas, Distrito Federal, SP - Pres. Prudente, MG – Arcos, MG - Belo Horizonte. A amostra foi coletada nestes lugares buscando-se manter um mesmo padrão, com os participantes completando os questionários em grupo (em escolas e centros comunitários) cada um preenchendo individualmente durante mais ou menos duas horas e recebendo orientação de alunos bolsistas. Antes de responderem ao questionário foi lido o termo de consentimento livre esclarecido falando sobre a confidencialidade dos dados e assinado por todos que aceitaram participar do estudo.

Na Tabela 1 estão resumidas as características da amostra em termos de local, idade e sexo.

Tabela 1. Descrição da amostra

Local	Frequência (N)	% do N	Idade Média	Idade DP	% Sexo Masculino
PE	1152	15,4	16.55	2.40	45
RS	1024	13,7	16.13	2.28	48
SP	1037	13,9	16.09	2.19	48
MG	961	12,8	15.85	0.83	47
AM	282	3,8	15.97	1.80	42
DF	877	11,7	16.49	1.54	42
SP.Interior	1000	13,4	16.04	1.62	48
MG.Interior	444	5,9	15.95	2.09	49
MG	702	9,4	16.54	2.10	42
Total	7479	100,0	16.21	1.96	46

Vemos que Pernambuco e São Paulo tiveram a maior representação e o Amazonas teve a menor amostra de jovens.

Instrumento

Foi aplicado um questionário com 103 questões diversas utilizado na pesquisa nacional. Neste artigo estamos analisando a seguinte questão: *Qual o seu maior medo?* O participante tinha que marcar os seus medos em uma lista de seis itens: Perder algum familiar ou alguém que ama muito, Morrer, Sofrer algum acidente, Sofrer violência, Não ter emprego, Ficar sozinho. Podia ter marcada mais de uma resposta para a pergunta sobre qual o seu maior medo.

Discussão dos Resultados e Conclusão

Na Tabela 2 é apresentada uma série de análises hierárquicas Log-Linear visando das interações das variáveis *Local* (9: Recife, Porto Alegre, São Paulo, Campo Grande, Amazonas, Distrito Federal, SP - Pres. Prudente, MG – Arcos, MG - Belo Horizonte), *Sexo* (2: Masculino e Feminino), *Faixa etária* (2: 12-17 anos e 18-25 anos) com cada um dos *maiores medo* indicados pelos participantes.

Tabela 2. Análise Hierárquica Log-linear (chi-quadrado parcelado) das interações das variáveis **Local** (9: Recife, Porto Alegre, São Paulo, Campo Grande, Amazonas, Distrito Federal, SP - Pres. Prudente, MG – Arcos, MG - Belo Horizonte), **Sexo** (2: Masculino e Feminino), **Faixa etária** (2: 12-17 anos e 18-25 anos) com cada um dos **maiores medos** indicados pelos participantes

Tipo de Efeito	Idade (I) (g.l. 1)	Sexo (S) (g.l.1)	Local (L) (g.l. 8)	S x I (g.l. 1)	LxI (g.l.8)	L x S (g.l. 8)
Perder familiar	4,91*	71,42***	13,48	4,21*	7,90	8,94
Morrer	1,61	1,18	44,23***	1,51	9,98	18,23*
Sofrer acidente	0,12	22,15***	60,76***	0,11	4,56	1,13
Sofrer violência	0,52	336,78***	31,92***	3,57	12,75	11,61
Não ter emprego	18,53***	0,84	37,13***	11,76***	11,06	7,91
Ficar sozinho	0,91	85,66***	19,16*	11,85	12,35	11,74

Nota: * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $P < .001$

Em relação à idade observou-se que para o medo *Perder um Familiar* os adolescentes de menor faixa etária apresentavam um medo mais alto do que os de maior faixa etária (85.38% e 82.26%, respectivamente). Para o medo *Desemprego* ocorreu exatamente o inverso (.28% e .366%, respectivamente); isto indica que os mais jovens têm mais medo de perder um familiar e os mais velhos tem menos medo, pois talvez já se sintam mais independentes. Estar desempregado é pior para os jovens com mais idade do que para os mais jovens, que provavelmente ainda não se preocupam com isso, e não tenham ainda consciência do que significa não conseguir um emprego.

Em relação à variável *Sexo*, as adolescentes sempre apresentaram um maior medo do que os adolescentes, a exceção dos medos *Morte* e *Desemprego*: *Perder familiar* 80.58% vs. 88.19%, *Acidente* 30% vs. .35%, *Violência* 29% vs. 50%, e *Solidão* 36% vs. 47%, respectivamente para o sexo masculino e o sexo feminino.

Quanto ao Local, a Tabela 3, apresenta a distribuição % por cada medo. Dos seis tipos de medo o único que não apresenta um efeito principal significativo é o medo de *Perder um familiar*. Este fato decorre do efeito teto que o caracteriza. De fato se trata do medo com os escores mais altos e com pouca variação entre os adolescentes dos vários locais (82-87, % mínima e máxima, respectivamente).

Tabela 3. Distribuição % por cada medo de acordo com a variável Local

Local	Perder Familiar	Morte	Acidente	Violência	Desemprego	Solidão
1 Recife	83	33	34	45	36	42
2 Porto Alegre	86	31	32	43	29	44
3 São Paulo	82	32	28	39	29	39
4 Campo Grande	87	29	26	36	25	40
5 Amazonas	82	34	40	40	29	42
6 Distrito Federal	86	30	35	43	29	40
7 SP - Pres. Prudente	85	41	39	41	31	43
8 MG - Arcos	84	29	28	32	21	38
9 Belo Horizonte	84	35	35	41	31	46
Total	85	33	33	41	29	42

A cidade onde aparece o maior medo da *morte* é Presidente Prudente, interior de S.P., e o menor em Arcos, interior de Minas Gerais. Sobre medo de *acidente*, aparece mais forte no Amazonas e menos forte em Campo Grande. Em relação à *violência* o maior medo aparece em duas cidades igualmente: Distrito Federal e Porto Alegre, sendo menor em Arcos, Minas Gerais. A cidade de Arcos apresenta o maior medo da morte, mas os dados sugerem que não é por meio de violência. Em relação ao *desemprego* este é maior em Recife e menor em Arcos. Sobre a *solidão* o maior medo dos jovens está em Belo Horizonte e o menor em Arcos seguido de São Paulo.

As duas faixas etárias - 12 a 17 anos e de 18 a 25 anos, apresentaram efeitos interativos com a variável sexo, tanto para o medo *Perder um Familiar* como para o medo *Desemprego*. Quanto ao medo Perder um Familiar (Figura 4), observamos que enquanto para os adolescentes praticamente não existem diferenças entre as duas faixas etárias (81% vs. 80%, respectivamente), para as adolescentes a faixa etária mais jovem apresenta um maior medo do que a faixa etária mais velha (89% vs. 84%, respectivamente).

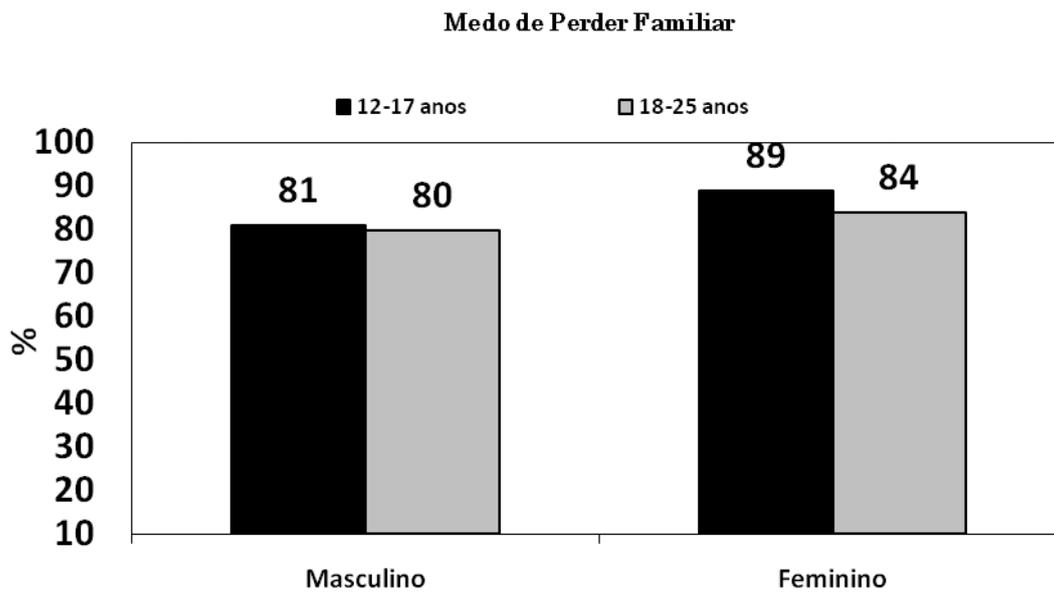


Figura 4. Interação Faixa etária vs. Sexo para o medo Perder Familiar

No que diz respeito à interação Faixa etária vs. Sexo para o medo *Não ter emprego* (Figura 5) observa-se que os adolescentes mais velhos têm mais medo do que os mais novos em perder o emprego (41% vs. 28%, respectivamente). Já a diferença para as adolescentes com mais idade em relação às de menos idade é bem menor (29% vs. 31%, respectivamente), isto é para as mulheres a idade não faz muita diferença em seu medo de não ter emprego.

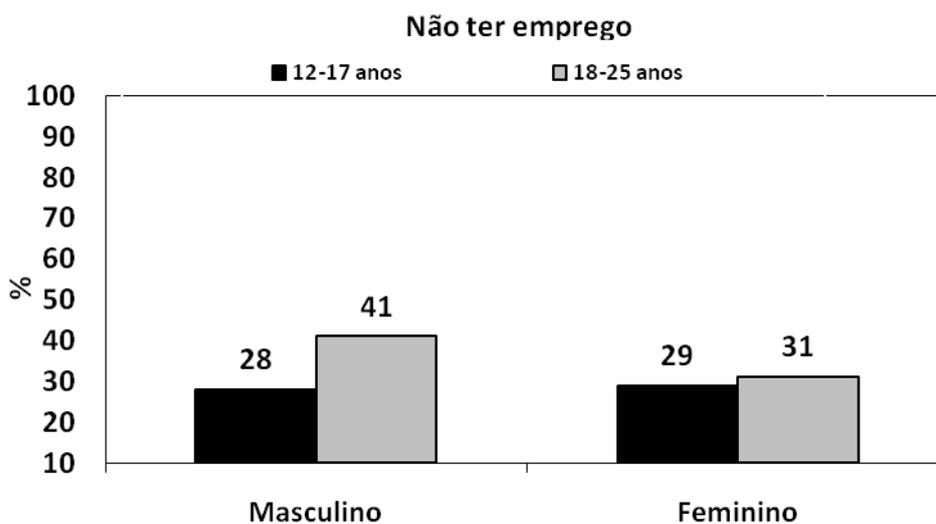


Figura 5 . Interação Faixa etária vs. Sexo para o medo Não ter emprego

Enfim, no Figura 6 é apresentada a interação Medo de Morrer com Local e Sexo.

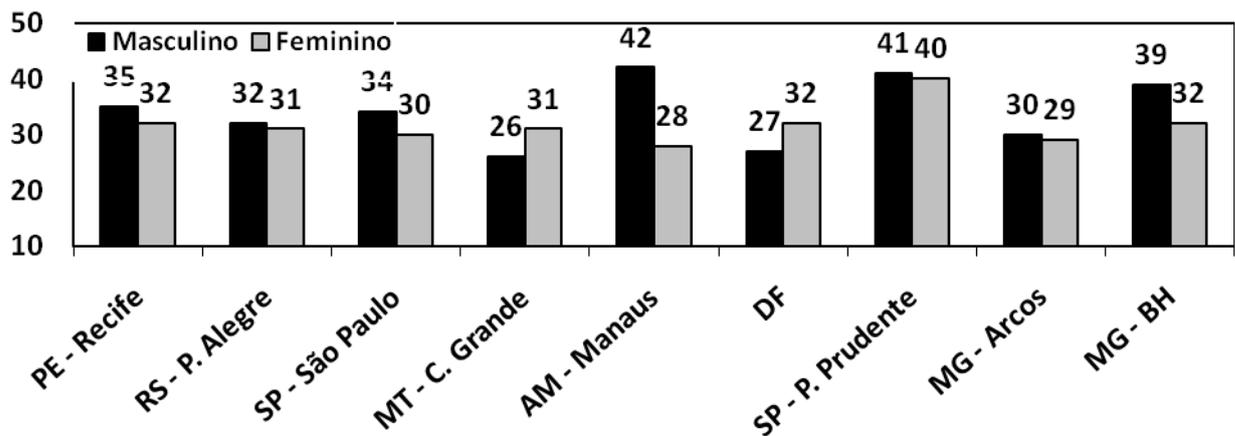


Figura 6. Interação Medo de Morrer com Local e Sexo

Os resultados mostram que o *medo de morrer* para mulheres e homens é o mesmo no RS e quase igual em S.P. e em M.G. No Amazonas é onde aparece maior diferença entre os sexos sendo os homens bem mais medrosos que as mulheres no medo de morrer. Essa diferença não se apresenta tão acentuada nos outros locais e sugere uma investigação posterior neste estado, sobre os possíveis motivos da diferença a nível nacional.

Vamos enumerar brevemente por local do estudo quais foram os principais medos relatados pelos jovens.

No *Amazonas* os principais medos foram a solidão, violência, acidente e morrer, principalmente nos jovens de sexo masculino, sendo o seu menor medo o desemprego.

Em *Porto Alegre* o maior medo foi também da solidão, seguido da violência, acidente, morte e menor foi do desemprego, assim como no Amazonas.

Em *São Paulo* na capital, os maiores medos foram igualmente a solidão e a violência, seguidos por morte, desemprego e por ultimo acidente. No interior, na cidade de Presidente Prudente, o maior medo foi de solidão seguido igualmente por morte e violência. Logo depois vem acidente e por ultimo o desemprego.

Em *Campo Grande* o maior medo dos jovens foi em relação à solidão seguido da violência. Seguem-se os medos da morte, de acidente e por ultimo o desemprego.

Em *Recife* o maior medo foi a violência, seguido de solidão, desemprego, e por fim de acidente e morte.

No *Distrito Federal* o maior medo foi de violência seguida da solidão. Após vem os medos de acidente, morte e desemprego.

Em *Belo Horizonte* o principal medo dos jovens é da solidão seguido da violência. Depois vêm empatados medos de acidente e morte e por ultimo o desemprego.

Por fim em *Arcos*, interior de Minas Gerais, o maior medo é da solidão seguido da violência. Após vem os medos de morte e acidente e por ultimo o desemprego.

Em conjunto podemos ver que os jovens apresentam como principais medos a solidão e violência. O desemprego apareceu como o menor medo sugerindo que a entrada no mundo adulto pode estar significando ficar sozinho frente a um mundo violento, e que isto assusta os jovens mais que não ter emprego. Vemos assim que existe semelhança com os resultados encontrados por Roazzi e colaboradores, quando evocaram as palavras violência sexual, assaltante, polícia, sequestro, acidente de trânsito, menino de rua, desemprego, em seu estudo anterior.

Uma crítica que fazemos a este trabalho diz respeito à limitação das questões colocadas aos jovens, para observar sobre sua atuação no meio social, seu “empoderamento” para tornarem-se protagonistas capazes de construir seu próprio futuro. Constatamos que as questões do instrumento não permitiram aos jovens atingir esse nível de resposta, que sem dúvida teriam dado se lhes fosse perguntado.

A partir dos resultados encontrados, perguntamos o que podemos fazer para ajudá-los em sua transição ao mundo adulto. Como uma das respostas existe, em relação aos projetos e ações do Pronasci, que priorizam os territórios vulneráveis identificados por nível de violência numa tentativa de torná-los Territórios da Paz, avanço na proteção da sociedade. Essas ações do governo embora ajudem, demonstram ainda não ter transformado o sentimento dos jovens em todo o país, que continuam inseguros quanto ao que é mais básico “saber que irão continuar vivos”.

O Relatório Mundial de Desenvolvimento (2011) que trata sobre conflitos e segurança refere que salários baixos, a pobreza e o desemprego, junto com o constante aumento de preços dos alimentos, rápida ocupação de áreas urbanas e desigualdade entre as pessoas, somados ao tráfico de drogas e outras formas ilícitas de sustento, todos são riscos para violência. Este relatório recomenda para todos os países, tanto os que têm baixos como os com altos salários, que a legitimidade das instituições é uma das chaves para a estabilidade social, pois assim os cidadãos são protegidos e a corrupção é combatida. Caso contrário, aumentam os conflitos violentos. Uma segunda advertência do relatório é sobre o investimento na segurança, na justiça e emprego para os cidadãos

como forma de reduzir a violência, muitas vezes originada pela exclusão social. Alerta que ainda que as instituições sejam neutras, elas “moldam os interesses, incentivos e comportamentos que podem facilitar a violência” (*World Development Report 2011*, p16). A segurança do cidadão inclui além da não violência física, o fato de não sentir medo da violência, aplicada a todos os membros da sociedade e inclui a segurança no lar, no trabalho, na política, na sociedade e na economia e está no centro do foco para prevenir a violência. É aconselhável que nossos líderes leiam este relatório mundial.

Referências

- Abad, M. (2003). Crítica política das políticas de juventude. In M. V. de Freitas., F. de C. Papa. *Políticas públicas. Juventude em pauta* (pp 13-55). São Paulo: Cortez.
- Caccia_Brava, A. & Costa, D.I.P. (2004). O lugar dos jovens na história brasileira. In A. Caccia-Brava, C.F. Pàmpos, & Y.G. Cangas (Eds.), *Jovens na America Latina* (pp. 63-114). São Paulo: Escrituras.
- Filho, M. A. (2007). *Vítimas da violência*. Amazonas: Jornal A CRÍTICA de 12/12/07.
- IPEA (2009). Diagnóstico e desempenho recente do programa nacional de inclusão de jovens. *Brasil em desenvolvimento. Estado, Planejamento e Políticas Públicas*, 3 (25), 697-712 Brasília: Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. URL: <http://www.ipea.gov.br>
- Koller,S.H.;Cerqueira-Santos,E.;Morais,N.A. & Ribeiro,J.(2005). Juventude brasileira.Relatório técnico para o Banco Mundial.Washington DC:World Bank.
- Leccardi C. (2005). Para um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. *Tempo social*. 17(2), 35-57, São Paulo
- Leite, E.M. (2003). Juventude e trabalho:criando chances, construindo cidadania. In M. V. de Freitas., F. de C. Papa. *Políticas públicas. Juventude em pauta* (pp 153-172). São Paulo: Cortez.
- Medeiros, G., Motta, L., Marques, M. (2007). Como o jovem pensa o amanhã. *Nheengatu*. Manaus: Jornal- laboratório do curso de jornalismo da UFAM, 8.

- Moraes, R. D. (2008). *Prazer-sofrimento e saúde no trabalho com automação: estudo com operadores em empresas japonesas no Pólo Industrial de Manaus*. Tese de doutorado não publicada. Belém-Pará:UFPA.
- Moreno G.(1992). Ambitos de interes implicados en la investigación sobre miedos infantiles. *Rev. de Psicol. Gral. Y Aplic.* 45 (3), 321-330.
- Morin, E. (2005). *O método 6. Ética*. Porto Alegre: Sulina.
- Nogueira, L. de A., Bellini, L. M. (2006). Sexualidade e violência, o que é isso para jovens que vivem na rua? *Texto & Contexto Enfermagem*. 15(4), 610-6.
- Paes-Machado, E., Noronha, C. V. (2002). Policing the brazilian poor: resistance to and acceptance of Police brutality in urban popular classes (Salvador, Brazil). *International Criminal Justice Review*, 12;53 <http://icj.sagepub.com>
- Peixoto, B.T., Lima, R.S., Durante, M.O. (2004). Metodologias e criminalidade violenta no Brasil. São Paulo Perspectivas. 18 (1). [http:// www.scielo.br](http://www.scielo.br) acesso em novembro 2010
- Roazzi A. Federicci, F. C. B Wilson,M. A (2001). Estrutura Primitiva da Representação Social do Medo Psicologia: *Reflexão e Crítica*,14(1), 57-72.
- Santos, F.J., Nogueira , A.R.B., Nogueira, R.J.B. (2002). *História e geografia do Amazonas*. Manaus: Novo Tempo.
- Sarriera J. C., Câmara, S.G., Berlim, C. S. (2000).Elaboração, desenvolvimento e avaliação de um Programa de Inserção Ocupacional para Jovens Desempregados. *Psicologia Reflexão Crítica*. vol.13 n.1, Porto Alegre.
- Waiselfisz J.J. (2011). Mapa da Violência. Os Jovens do Brasil.Ministério da Justiça,Instituto Sangari. [Http://www.institutosangari.org.br](http://www.institutosangari.org.br) Acesso em junho 2011.
- Waiselfisz J.J.(2007). *Relatório de Desenvolvimento Juvenil*. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana, RITLA, Instituto Sangari.

World Development Report 2011(2011).Conflict, security,and development
Washington DC.: The World Bank. [Http://www.worldbank.org](http://www.worldbank.org) Acesso em novembro
2011.

Recebido em 19/5/2012.

Aceito em 29/7/2012.

Contato:roazi@gmail.com